

Um personagem chamado Jorge

Em frente à escrivaninha, Jorge tenta escrever algo, mas falta-lhe inspiração. A pressão que o redator fizera para que entregasse algum trabalho depressa lhe causava inquietação e fugia-lhe a concentração. Não sabia o que estava acontecendo “logo ele, que sempre fora tão criativo, dedicado”, de certos tempos para cá, não conseguia escrever “nada que preste”, como dissera o chefe da redação.

Era jovem, um pouco boêmio, mas sempre fora trabalhador – até andara uns tempos na vadiagem, mas isso fora coisa passageira da adolescência – ultimamente escrevia crônicas e até algumas matérias para um jornal. Não ganhava muito, mas conseguia se manter em um sobrado, herdado de seus pais, na Cidade Alta, em Salvador. Também alimentava o desejo de ingressar na Faculdade de Comunicação. É, sua vida daria uma boa história, poderia até escrevê-la se ao menos o editor estivesse interessado em ouvi-la.

No entanto, não tinha tempo para pensar em sonhos, o que estava em jogo nesse momento era seu emprego. O que faria? Não poderia perdê-lo. Logo agora que estava enamorado por uma morena que conhecera alguns dias atrás. Talvez ela tivesse tirado sua inspiração. Mas como poderia, se ela era a própria em carne, osso e lindas formas?

A morena chamava-se Laurinda, era filha de um pescador, morava perto do cais – talvez seu pai nem o quisesse como genro, e até mesmo preferisse algum mestre de saveiro que morasse por lá e não tivesse sonhos loucos na cabeça – e a mãe fazia renda. Residiam na Cidade Baixa.

Novamente a preocupação com seu emprego voltava, a angústia e o tédio misturavam-se embaralhando sua mente, talvez fosse melhor descansar um pouco. Recostou-se em um divã na sala e pareceu cochilar.

Pensava muito no que fazer e resolveu caminhar um pouco, o prazo que o chefe lhe dera era até à noite. Desceu a escadaria do sobrado e deu de cara com a bela cidade de Salvador. Andando pelas ruas do Pelourinho, observava

os sobrados daqueles que prosperavam – muitos, donos das fazendas de cacau em Ilhéus. – Um dia, pensava ele, iria prosperar também. Mais adiante uma negra vendia cocadas e tapiocas, tinha um menino na barra de sua saia, lembrava-se de tê-la visto no cais, devia ser mais uma daquelas mulheres que perdera seu homem para o mar, com certeza lemanjá o levara e ela tentava ganhar a vida sem cair na prostituição. Como eram distintos os dois lados da moeda, pensava Jorge. De um lado os fazendeiros que construíam casas para suas famílias morarem na Capital, do outro, mulheres que rezavam para que o mar não levasse seu homem, rezavam para ter uma vida digna, sofrida, porém digna. Pensava Jorge também em Laurinda, não queria que ela também tivesse essa vida, ela era sofrida, mas provaria o outro lado da moeda, ele haveria de conseguir.

Continuando sua caminhada avistou a casa de Madame Janete, mulher forte, robusta, que fizera a vida durante muito tempo, mas agora mantinha a casa com algumas outras mulheres. Mulheres que antes foram bonitas, disputadas – ele até fora lá uma vez –, e agora pareciam mais velhas do que realmente eram, haviam perdido a formosura da juventude. Achou melhor não as fitalas muito, poderiam achar que estava interessado, seguiu adiante.

Sentia-se mais leve, a brisa do mar tocava-lhe; mais umas ruelas e chegaria à praia. Em um bar mais à frente avistou uns amigos que bebiam e farreavam – gente muito boa, mas que muitos atestavam de vagabundos. Convidara-o a acompanhar-lhes. Aceitou, sentou um pouco e bebericou alguma coisa, depois continuou seguindo.

Enfim chegou à praia, era finzinho de tarde, apreciava o pôr do sol. Sentou-se em uma pedra. Sentia um perfume que vinha distante e se aproximava. Era um perfume de mar e de mulher que se misturava. Era o aroma de Laurinda que chegava cada vez mais perto. Estava linda, parecia até o dia em que a conheceu. O vento que esvoaçava seus cabelos colava-lhe o vestido, pondo em evidência suas lindas formas...

De súbito, espantou-se com batidas na porta que aumentavam gradativamente. Teria dormido? Olhou para o relógio, já se aproximava das

seis. De certo seria o editor que vinha buscar algum trabalho. Porém ele não tinha feito nada, nem ao menos havia saído do lugar. E tudo parecera tão real. Talvez tivesse ido, voltado e cochilado novamente. No entanto tudo estava no mesmo lugar, até suas sandálias, não mexera em nada. O editor batia com mais força. Com certeza perderia o emprego, mas não estava preocupado. Fora muito bom ter tido aquela sensação, reparava melhor e amava mais sua cidade, se sentia mais Jorge, se sentia mais amado.

1º lugar - “Um personagem chamado Jorge”, de Josiene Duarte Carvalho - Colégio Estadual Professora Dirlene Mendonça